



**HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA
ANA CRISTINA DE SENA EM SINOP/MT:
entre sua existência e suas relações**

Vera Lúcia Ferreira de Brito*

Marion Machado Cunha**

RESUMO

A proposta desse estudo teve como principal objetivo compreender o processo histórico de constituição da escola e suas condições de existência e relações com a comunidade da qual faz parte. Vislumbramos apreender o processo das relações construídas que balizam a escola com a comunidade, na tentativa de contribuir para as pesquisas sobre a história da educação do nosso município Sinop, Mato Grosso. Valemo-nos da abordagem qualitativa de pesquisa, sob a vertente da história oral, e realizamos entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos da pesquisa foram professores ligados à coordenação e direção, e alunos da escola e pessoas moradoras dos bairros. Nas análises verificamos que existe um limiar de não organicidade entre a escola e a comunidade. Parte dessa situação se explica em função de as pessoas, moradoras da comunidade, serem trabalhadores assalariados, condição que subtrai o tempo de inserção e participação na escola associa-se o fato de muitos pais dos alunos serem poucos alfabetizados. O desconhecimento do papel e importância da escola revela mais do que esse fato. Evidencia uma não unidade necessária e fundante que fragiliza tanto a escola, como espaço de formação humana e intelectual do trabalhador assalariado.

Palavras-chave: Educação. História. Participação Social. Escola Municipal Professora Ana Cristina de Sena.

1 INTRODUÇÃO

* Aluna do 7º semestre do curso de Pedagogia do campus Universitário de Sinop – UNEMAT. Pertence ao Grupo de Orientação do professor Dr. Marion Machado Cunha.

** Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Neste artigo tivemos o intuito de abordar alguns aspectos históricos relevantes da Escola Municipal de Educação Básica Professora Ana Cristina de Sena. Esta pesquisa voltou-se apreender a ligação entre a existência da Escola com comunidade e as relações produzidas.

A escola Ana Cristina de Sena foi construída devido à superlotação das escolas dos bairros das redondezas e dos vários prédios alugados para extensões, sendo que, posteriormente, constatou-se que a escola constituída era pequena para acolher todos os alunos, fazendo se necessária o aluguel de um prédio para a extensão: este funcionando com oito salas de aulas no período matutino e vespertino, atendendo a comunidade dos bairros circunvizinhos.

Quando mergulhamos no processo histórico da escola, voltando para os seus sujeitos, conseqüentemente, entendemos que a Escola Ana Cristina de Sena é o resultado de uma sociedade desigual. A sua criação mostra, de um lado, as marcas de um sistema capitalista, trabalhadores que vivem oprimidos por uma classe dominante e, por outro, as lutas para manter-se em uma instituição de ensino de crianças e jovens trabalhadores, uma prole constituída por trabalhadores.

2 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa foi de cunho qualitativo, tivemos um contato direto e prolongado com o ambiente por se tratar de uma pesquisa que tem como finalidade elaborar métodos de pesquisa para a área de ciências humanas, onde os resultados das questões levantadas mostram uma profundidade maior dos assuntos de um determinado grupo social, com base na história oral, que, segundo Cunha (2007, p.109) “[...] pressupõe para o pesquisador uma relação direta com a fonte viva, o entrevistado, desde que a intenção seja apreender a dinamicidade e as relações entre o sujeito e o coletivo, segundo sua posição socioeconômica, político-ideológico e cultural”.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos, pais, pessoas da comunidade, professores, gravadas e posteriormente transcritas. Usamos, também, câmera digital, caderno de campo, análise de documentos e de conteúdos, observação e registro das práticas pedagógicas realizadas durante o Estágio de docência, desta forma puderam trazer para discussão.

3 REFERENCIAL

Vivemos em uma sociedade que exige apreende-la em seus diversos movimentos. Essa dimensão vivifica que a multiplicidade das relações existentes tem de ser abstraída ao seu “conteúdo mais simples”, como afirma Cunha (2010). No caso desta pesquisa, seu objeto implica abstrair sua história e apresentar seu conteúdo fundamental, considerando as diversas dimensões que a compõe. Quando consideramos essa direção, se torna imprescindível apresentar o campo das relações de trabalho do professor. Na sociedade capitalista, existem duas distinções fundamentais que se funda na base material dessa sociedade: os donos dos meios de produção e os trabalhadores assalariados. No caso dos assalariados, corresponde o universo de pessoas que necessitam de salário, vender a força de trabalho, para a manutenção de vida. Esse é um fenômeno fundamental também da vida dos professores.

Não é por acaso que para muitos professores, independente de dominarem as ferramentas teóricas, a visão de ser professor se associa as relações de valorização profissional, como única alternativa para melhorar a vida e sua manutenção. Evidentemente que ligado a essa dimensão do trabalhador, como a do professor, existe o tempo de trabalho, de experiências de vida desse trabalhador traduzidas como experiência profissional. No caso da Instituição de ensino, todos os seus professores estão nessa Instituição desde 2005, já que o tempo de criação remonta a tempo próximo. Com uma população constantemente crescendo ao redor da escola e bairros vizinhos, começa a superlotação e a procura de vagas na escola é grande. Isso significa que a escola não consegue suprir a demanda existente.

A educação é um tema de grande importância na sociedade contemporânea, segundo Frigotto (1989, p. 161). Vivendo a mercê do sistema capitalista, onde a riqueza se concentra nas mãos de “meia dúzia de pessoas”, enquanto a população na sua grande maioria vive “na linha da miséria”. A realidade de alguns alunos que frequenta a Escola Ana Cristina de Sena não é diferente. Se considerarmos outras particularidades que ultrapasse a forma da escola, podemos problematizar alguns conteúdos particulares da vida dos trabalhadores.

Nos casos das mulheres, como trabalhadoras, a situação torna-se mais difícil, fazendo o papel de pai e mãe ao mesmo tempo, precisa trabalhar, com seu baixo salário, tentando suprir a necessidade de seus filhos.

Segundo Cunha (2007, p. 5) “trabalho, nessa direção, é a única dimensão do necessário e do possível pelo qual o homem empreende sua historicidade, especificamente humana, através do qual o mundo natural é transformado em meios de vida, em força produtiva da vida social”. Assim muitas vezes as crianças ficam sozinhas em casa, ou faz o papel de adulto cuidando de seus irmãos menores esquecendo até mesmo de comer ou por não

ter mesmo nem um tipo de alimento. As instituições escolares, segundo Saviani (2007, p. 3), “[...] são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas.” Isto significa que elas não se constituem como algo pronto e acabado, que uma vez produzida se manifesta como um objeto que subsiste a ação da qual resultou mesmo após já concluída e extinta a atividade que gerou.

Constituem-se como um sistema de práticas, seus sujeitos e com os meios e instrumentos por eles operados, tendo em vista as finalidades por elas perseguidas. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens. Como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a qual servem. Assim sendo as escolas expressam as relações sociais de determinado processo histórico.

Mas para pensar a escola como um conteúdo histórico, é necessário senti-la como compondo as relações sociais capitalistas (FRIGOTTO, 1989; CUNHA, 2010).

De acordo, a direção da Escola Ana Cristina de Sena, há falta alguns profissionais de apoio, que realmente esteja trabalhando em atividades meio, faltam também professores e recursos pedagógicos.

A escola apresenta problemas com a infraestrutura (quadra poli esportiva, refeitório). Não oferece condições alguma para as crianças brincar.

Segundo Mészáros (2008, p.16). “no reino do capital, a educação [especialmente a institucional] é, ela mesma, uma mercadoria, daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos”.

Essa dificuldade que a escola enfrenta é fruto da violência silenciosa do capital, cuja única lei necessária é sua reprodução, mediante a produção de mais-valia, a apropriação do tempo de trabalho (CUNHA, 2010). A respeito dessa atual realidade, Cunha (2007 p.26) diz: “O professor ao desenvolver o trabalho docente, somente o realiza na condição de não proprietário dos meios de trabalho, vendendo sua capacidade de trabalho [...]”. O fato de o professor se encontrar na mesma medida que qualquer trabalhador assalariado o valor [a salário] da força trabalho expõe-se sempre no limiar da necessidade do capital e o mínimo para reprodução do trabalhador: Assim, Cunha (2007, p. 26) pondera:

São dessas relações concretas que o trabalhador na sociedade do capital vai produzindo sua existência, sua perspectiva real no mundo, vai projetando suas necessidades individuais e coletivas, organizando-se enquanto classe na luta contra as formas de opressão e de dominação. São delas, também, que se constituem a

materialidade da classe trabalhadora e suas manifestações política, culturais e ideológicas, conscientemente ou não.

Como se pode perceber o sistema educacional é um problema complexo que envolve os professores que não pode negligenciar ao preparar as atividades de ensino/aprendizagem para os alunos, presos a lógica da reprodução do sistema capitalista. Mészáros (2008, p.13) defende:

[...] a existência de praticas educacionais que permitam aos educadores e alunos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, pois as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado.

Para que o ensinar possa expressar a vida, com certeza, teria de conjugar alternativas diferentes das que existem no capital. O espaço escolar é fundamental tanto para a aprendizagem dos alunos. A questão é: de escola se fala e a quem atende? Se pensarmos em termos do que é a escola como direito as crianças a escola e formação, porque tanta precariedade? Porque o conceito e seu ideal não se realizam? Portanto, não deve servir apenas para armazenar livros e alunos, mas, ser um espaço de produção de conhecimento.

Na realidade o sistema educacional, não tem muita prioridade para com seus alunos, e se tratando de uma escola de periferia é visado somente o necessário (mínimo) para a vida do educando a diferenças sociais é grande com relação às escolas particulares, que mesmo preparando cidadão para servir o sistema capitalista oferece mais qualidade.

Mészáros (2008, p.44) “a questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias às metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema”. Ou seja, todas as nossas práticas estão impregnadas de significados que perpassam o campo sócio-escolar. Quando problematizamos sobre a participação da comunidade e de como é convidada a participar dos eventos da escola: A Instituição cumpre um papel formal de convite aos pais e/ou comunidade. Do ponto de vista da Escola: a visão de comunidade incide sobre os pais dos alunos. As formas de convites tem como finalidade de colocá-los a par do que acontece com seus filhos em sala de aula, seu desenvolvimento escolar. Algumas das atividades objetivam ‘arrecadar’ fundos financeiros, através de festas e bazares de roupa. Estes eventos objetivam ajudar nas despesas e manutenção da escola. Obviamente os recursos financeiros não são suficientes para cobrir estes gastos. Quando perguntamos sobre as prioridades da escola quanto à comunidade, podemos observar que as relações perpassam um conjunto de situações ligadas à dinâmica de trabalho dos professores ou ligado a oferta de

cursos, como o de informática, ou mesmo relacionando a cedência do espaço físico, como sendo ‘uma forma de inserção da comunidade’.

A dinâmica centra-se numa forma histórica da escola que, ao longo de sua história, vem expandindo-se, alargando sua forma de assistencialista, cumprindo outras funções ao papel institucional de educação. A relação nada institucional da escola com a comunidade implica uma ‘robustez’, como ‘migração de tarefas’. No caso da Escola pesquisada, sua história reflete esse movimento de ‘robustecimento’, de desenvolver atividades e realizar tarefas que não são próprias da educação escolar, mas que esta assume como se fosse também de sua competência. Se confrontarmos essas orientações com o papel específico da escola, em vários momentos se sublinha nas entrevistas a necessidade de trabalho de pesquisa. Algumas falas apontaram para as dificuldades de espaço físico (situação já apresentada acima) para atender os alunos, dentre elas para as atividades lúdicas para brincar.

Por exemplo, nos intervalos das aulas, os alunos ficavam muito próximos uma das outras nas áreas cobertas, ‘amontoadas’, já as árvores são ainda são muito pequenas e não produzem sombras para onde os alunos também poderiam ‘descansar, conversar ou brincar’. Quando passamos a vislumbrar as atividades de atendimentos aos alunos especiais no percurso da sua história recente, sublinhou-se sub-repticiamente as dificuldades de sua realização.

Se compararmos as entrevista dos professores com as dos alunos, sobre o papel da escola, sobre sua importância somos guiados por particularidades que produzem sentidos cruciais quanto a dinâmica da escola. Uma delas diz respeito a Cesar, aluno da escola entre os anos de 2005 e 2007: Ele foi um dos primeiros alunos a estudar na escola Ana Cristina de Sena. Hoje, cursa o ensino médio. Ele é filho de uma mulher operária, como tantas outras mães que mora no bairro que ‘batalha ao lado de seu pai para tornar a vida mais fácil e suprir as necessidades de sua família’ não deixando faltar o alimento para seus filhos ao perguntei a ele. Aparentemente, sua condição de vida pouco ou nada tem a ver com a escola.

Mas essa dimensão de vida está ligada ao universo de uma escola feita para todos, mas cujo sujeito central pertence ao mundo do trabalho. Segundo Frigotto (2006 p. 41), não podemos desconectar a escola dos conflitos de classes e seus antagonismos. Na escola capitalista, “a educação passa, então, a constituir-se num dos fatores fundamentais para explicar economicamente as diferenças de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, as diferenças de produtividade e renda”.

A mediação fundante que existe da Escola pesquisada e seus sujeitos (internos e externos) que liga sua história é o mundo do trabalho e as perspectivas vivas dos

trabalhadores. Se pensarmos em termos de uma escola a ser reconhecida pela sua história, somos surpreendidos com aparente desconhecimento de Ana Cristina de Sena. Poderíamos apostar na factualidade das opiniões que pouco significam das relações efetivas da existência da Instituição. Será que a entrevista da Gil efetivamente apreende a Escola? Que escola? Melhorar controlando ‘a bagunça com mais inspetores’. Será que o desprazer de Cesar figura como a escola necessária a ele?

Talvez parte dos problemas pudesse ser parcialmente resolvida com mais investimentos ou com mais atividades festivas para arrecadar recursos financeiros para ajudar a Escola dar rumo a infraestrutura necessária? Será que existe um abismo entre o exagero de atividades dos professores diante de um tudo para fazer, de aula às atividades festivas, por exemplo, e a condição leiga da comunidade quanto a história da escola? Nossa pesquisa apontava para apreender a história da Escola e qual sua importância para a comunidade onde está localizada. Seria, talvez, o momento de afirmar, a sociedade não se importa com a educação? Qualquer resposta que aponte para essas perguntas apenas ratificaria a reprodução silenciosa do capitalismo que é necessariamente negação dos sujeitos do mundo do trabalho. A situação a ser efetivamente apreendida é de que a Escola e seus sujeitos pertencem ao mundo do trabalho.

Uma Escola cujo universo expresse as contradições do mundo dos trabalhadores assalariados. A ordem do capital contra o trabalho expressa os limites de uma escola voltada para os trabalhadores. Uma Escola cuja participação da comunidade fica restrita a uma formalidade institucional. Essa situação é inevitavelmente a subtração do tempo dos trabalhadores tanto na participação na Escola quanto do conhecimento de sua efetiva história. Uma escola que tem sujeitos que pertencem ao mundo do trabalho assalariado. Não é por acaso, que a maioria dos pais dos alunos é poucos alfabetizados e tem seus tempos de vida exauridos pela necessidade de prover a vida, que só se dá pela condição de venderem sua força de trabalho.

4 ANÁLISE DA REALIDADE PESQUISADA

Com base nos depoimentos desses trabalhadores e alunos, nota-se que ainda se tem sonhos para dias melhores mesmo tendo que trabalhar para ajudar no sustento de casa. Mas o trabalho sempre fez parte do homem, em toda a história da raça humana segundo Saviani (2007) “[...] se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural,

mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois um produto do trabalho”. Assim veem na educação uma forma de melhorar de vida, saindo da pobreza.

As análises presentes nesse trabalho, foi muito interessante, saber o que acontece no dia a dia dessa instituição, no que se refere às atribuições de funcionários e professores e de acordo com suas funções. Os funcionários do administrativo na maneira do possível desempenham seu papel com competência e ética, no que diz respeito à documentação e escrituração escolar, matriculam transferências, atestados, atendimento ao público e de mais atribuições. Os recursos financeiros são aplicados em melhoria para escola buscando ainda arrecadar dinheiro através de festinhas juninas e rifas. Complementado assim as finanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma população constantemente crescendo ao redor da escola e bairros vizinhos, começa a superlotação e a procura de vagas na escola é grande. Isso significa que a escola não consegue suprir a demanda existente. A escola é um fruto de um movimento da história, de uma luta de classes que passa fazer parte da comunidade de forma absoluta na vida dessas pessoas.

Esta investigação oportunizou, através dos dados coletados, conhecer a história da escola Municipal Ana Cristina de Sena. Fundada em dois mil e quatro. Sendo organizada inicialmente com pré-escola e ensino fundamental no Bairro Jardim Novo Estado. Publicado no diário oficial, de sete de julho de dois mil e cinco. Ato de inauguração ocorreu no dia doze de outubro de dois mil e seis, pois a empresa responsável não entregou a obra na data prevista, quando feito o laudo de vistoria. A construção ainda não estava apta para receber os alunos. Mas no dia quinze de outubro de dois mil e sete sobre a escola passa a se chamar Escola Municipal de Educação Básica Professora Ana Cristina de Sena.

A dinâmica centra-se numa forma histórica da escola que, ao longo de sua história, vem expandindo-se, alargando sua forma de assistencialista, cumprindo outras funções ao papel institucional de educação, como as funções de Estado. Ou seja, todas as nossas práticas estão impregnadas de significados que perpassam o campo sócio escolar.

E para escrever em termos de desafios diante do apreendido, o pesquisado: A situação a ser efetivamente apreendida é de que a Escola e seus sujeitos pertencem ao mundo do trabalho. Uma Escola cujo universo expresso as contradições do mundo dos trabalhadores assalariados. A ordem do capital contra o trabalho expressa os limites de uma escola voltada para os trabalhadores. Uma Escola cuja participação da comunidade fica restrita a uma

formalidade institucional. Essa situação é inevitavelmente a subtração do tempo dos trabalhadores tanto na participação na Escola quanto do conhecimento de sua efetiva história. Uma escola que tem sujeito que pertencem ao mundo do trabalho assalariado. Não é por acaso, que a maioria dos pais dos alunos é poucos alfabetizada e tem seus tempos de vida exaurida pela necessidade de prover a vida, que só se dá pela condição de venderem sua força de trabalho.

O desconhecimento do papel e importância da Escola (a de nossa pesquisa) revela mais uma dificuldade que para além da própria escola, para além do muro da Escola (das escolas). As negações as que estão submetidos os trabalhadores pelo capital refletem-se na Escola, no tipo de ensino ofertado, das condições de ensino. O que faz a escola sobreviver ainda como espaço do trabalhador não é a formalidade da lei e toda a regulamentação existente, inclusive como dever do Estado, mas a própria luta dos trabalhadores como condição necessária de acesso e permanência na escola, mesmo que limitada, ainda é uma presença viva e inegável.

HISTOIRE DE L'ÉCOLE MUNICIPALE PROFESSEUR

ANA CRISTINA DE SENA SINOP EM / MT:

entre sa existence et ses relations

RÉSUMÉ¹

Le but de cette étude vise à comprendre le processus historique de formation de l'école et ses conditions d'existence et les relations avec la communauté à laquelle elle appartient. Nous voulons comprendre le processus des relations construites entre l'école et la communauté dans une tentative de contribuer aux recherches sur l'histoire de l'éducation de notre ville, Sinop - Mato Grosso. Nous avons utilisé la méthode de recherche qualitative, sous l'aspect de l'histoire orale, et a mené des entrevues semi-structurées. Les sujets étaient des enseignants liés à la coordination et la direction, les élèves et les personnes résidant dans les quartiers de cette communauté. Dans les analyses, nous avons trouvé que existe un seuil de non organicité entre l'école et la communauté organique. Une partie de cette situation peut être expliquée en termes des personnes, vivantes dans la communauté, être employés, à condition que soustrait le temps de l'inclusion et la participation à l'école est associé avec le fait que de nombreux parents d'élèves ne savent pas lire et écrire. L'ignorance du rôle et

¹ Transcrição realizada pelo aluno Fernando Hélio Tavares de Barros (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pelo professor Ederson Lima de Souza (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

l'importance de l'école montre plus que cela. La preuve qu'il n'y a pas une unité nécessaire et fondamentale qui affaiblit à la fois l'école comme un espace de formation humaine et intellectuel du travailleur salarié.

Mots-clés: L'éducation. L'histoire. La participation sociale. École Municipal Professeur Ana Cristina de Sena.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marion Machado. **O Trabalho dos Professores e a Universidade do Estado de Mato Grosso em Sinop/MT na década de 1990: o sentido do coletivo.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) Exame das Relações entre Educação e Estrutura Econômico-Social Capitalista.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989

MESZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital.** 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e Educação: Fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, v.12, n.34, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 19 abr. 2012.